

COORDENAÇÃO

GONÇALO DE VASCONCELOS E SOUSA

II CONGRESSO O PORTO ROMÂNTICO

ACTAS



CATÓLICA
CITAR · CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA DAS ARTES



PORTO



CATOLICA
CITAR - CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA DAS ARTES



PORTO

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

II CONGRESSO “O PORTO ROMÂNTICO” - ACTAS

COORDENAÇÃO

Gonçalo de Vasconcelos e Sousa

DESIGN GRÁFICO + E-PAGINAÇÃO

Carlos Gonçalves

EDIÇÃO

CITAR
Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes
Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa

ISBN

978-989-8497-07-9

LOCAL DE EDIÇÃO

Porto

DATA

Junho de 2016



UM “HERÓI ROMÂNTICO” NO PORTO OITOCENTISTA: CARLOS ALBERTO DE SABOIA

Jorge Martins Ribeiro¹

“Piangete, o figli dell’Italia, che ne avete ben donde! Ospite dell’estrema Lusitania, agli avrà sempre il cuore e i pensieri con noi; non potrà giammai dimenticarsi del suo Piemonte che pur tanto lo amava e che tutto avrebbe per lui volontieri dato e sacrificato, come ancora darebbe pel regnante su Figlio.”²

A figura de Carlos Alberto de Savoia-Carignano, rei da Sardenha (1831-1849) e pai do primeiro soberano de Itália, Vítor Emanuel I, está ligada ao imaginário do Porto romântico. De facto, após a derrota que sofreu na batalha de Novara, travada contra os austríacos, em 23 de março de 1849, abdicou do trono a favor do seu filho e herdeiro, vindo exilar-se no burgo portuense³.

De acordo com Costa de Beauregard, autor da obra *“Les dernières années du roi Charles-Albert”*, o soberano teria escolhido o Porto como lugar de residência dado ser uma cidade suficientemente afastada do Piemonte, de modo a ninguém ser levado a pensar que ele pretendia voltar a envolver-se em assuntos públicos. Na realidade, o rei teria pensado, em primeiro lugar, recolher-se à Terra Santa; porém, não se decidira por este destino para evitar que isto fosse interpretado como um ato de loucura religiosa. Igualmente descartara a hipótese de ir viver para Inglaterra, a fim de não aumentar o número de “proscritos” nesse país⁴.

Carlos Alberto, viajando sob o nome de conde de Barge, mal instalado numa carruagem denominada *escargot*, pois não era apropriada para uma viagem tão longa, nem se adaptava à elevada estatura do Rei, atravessou Nice, então ainda parte do reino da Sardenha, e entrou em França. Percorreu o sul deste país e a região pirenaica, passando por Antibes, Beaucaire, Pézenas, Toulouse e Tarbes e,

¹ Professor Auxiliar; membro do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais.

² *Biografia di Re Carlo Alberto dedicata al Re Vittorio Emanuele II*. Firenze: Tipografia Eredi Botta, 1868, p. 33.

³ VITORINO, Pedro – *O rei infortunado. Doença e morte de Carlos Alberto*. Porto: Separata do jornal *O Médico*, n.ºs 68, 69, e 70, 1943, p. 3.

⁴ “Mais pour écrire ainsi, il fallait savoir où allait le Roi. Santa Rosa n’osait questionner. Charles Albert eut pitié de son embarras. Mon premier projet, dit-il, avait été d’aller en Terre sainte. Mais on n’aurait pas manqué de dire que je finissais mon règne para...”. “Ici, il s’arrêta. Santa Rosa crut comprendre que le Roi sous-entendait: «para un acte de folie religieuse”. “J’avais pensé à l’Angleterre”, continua Charles-Albert. “Mais j’y ai renoncé pour ne pas y grossir le nombre de proscrits. J’ai enfin résolu d’aller m’établir à Oporto. Cette Ville est assez éloignée du Piémont pour que jamais personne puisse croire que je veuille encore me mêler des affaires publiques ...”. Cf. BEAUREGARD, Costa de – *Les dernières années du roi Charles-Albert*. Paris: Librairie Plon, 1890, pp. 506-507.

depois de atravessar Bayonne, entrou em Espanha. De San Sebastian, seguiu para Tolosa (Guipúzcoa), cidade onde, a 3 de novembro de 1849, redigiu o *Ato de Abdicação*; depois, continuou a sua jornada em direção à Corunha, de onde seguiu para Santiago de Compostela e Vigo, e chegou à fronteira da Galiza, pisando, pela primeira vez, território português em Valença. Dessa praça, já muito cansado da viagem, desceu o rio Minho de barco, ladeou Caminha e continuou por mar até Viana. Daí, prosseguiu por terra para o Porto, onde chegou ao meio dia de 19 de abril de 1849, sendo recebido com mostras de grande entusiasmo popular. Alojou-se na estalagem de António Bernardo Peixe, considerada a melhor da cidade, na então praça dos Ferradores. O edifício da referida hospedaria é o atual palacete dos viscondes de Balsemão e a praça dos Ferradores, por decisão da Câmara Municipal e após a autorização do Governador Civil do Porto, datada de 21 de fevereiro de 1852, ostenta até aos nossos dias a designação de praça de Carlos Alberto⁵.

⁵ “XVIII

Atto di conferma d’abdicazione verbale del Re Carlo Alberto

3 d’aprile 1849.

(Testo originale)

En la casa Fonda de Pedro Sistiaga, sita en la calle del Correo de esta villa de Tolosa, a tres de abril de mil ochociento cuarenta y nueve, ante mi Juan Fermin de Furumdarena, escribano publico de S.M., notario de reynos y secretario del ayuntamiento de esta capital, en presencia del Marques Carlos Ferrero de la Marmora, príncipe Macerano, primero ayudante de campo de S.M. el rey de Cerdeña, y del Conde Guztabo Ponza de san Martino intendente general: Personalmente constituido Carlos Alberto de Savoya, rey abdicatario de Cerdeña, declara querer confirmar y ratificar de su propia y libre voluntad el acto verval hecho por el mismo en Novara la noche del veinte y tres de mayo ultimo, en virtud del cual abdicò la corona del reyno de Cerdeña y de todos los dominios que de el dependen en favor de su hijo primogenito Victor Manuel de Savoya. In fin de que esta declaracion tenga la autenticidad que sea necesaria, y surta los efectos a que se dirige, firma de so puño juntamente con los individuos precitados, y en presencia de los señores D. Antonio Vicente de Parga gefe superior político de esta provincia de Guipuzcoa, y D. Xavier de Barcuiztegui, diputado general de la misma; y en fé de todo, y de que se me ha asegurado por los dos últimos la identidad de los tres primeros, lo hice yo el scribano en union con los dichos señores – C. Alberto – Carlo Ferrero della Marmora – Gustavo Ponza di S. Martino – Antonio Vicente de Parga – Xavier de Barcuiztegui – ante mi Juan Fermin de Furumdarena.

*Yo Juan Fermin de Furumdarena escribano publico de S.M. notario de reynos y secretario del ayuntamiento de esta capital de Guipuzcoa, presente fui al otorgamiento del acto original que queda protocolizada en el registro corriente de escrituras y numeria que regenta mi hijo José Maria escribano asi bien de S.M. y numeral de esta villa de Tolosa, y con la remisión necesaria de ello y de que esta primera copia corresponde buen y fielmente con la original, signo y firmo en este papel común por no usarse del sellado en esta provincia. Juan Fermin de Furumdarena”. Vd. CIBRARIO, Luigi – Ricordi d’una missione in Portogallo al re Carlo Alberto. Torino: Stamperia Reale, 1850, pp. 246-253, 447-348; BEAUREGARD, Costa de – *Op. cit.*, pp. 512-517; CABRAL, Luís – *O Palacete dos viscondes de Balsemão*. Porto: Câmara Municipal do Porto; Direção Municipal de Cultura e Turismo, 2000, pp. 14, 29.*

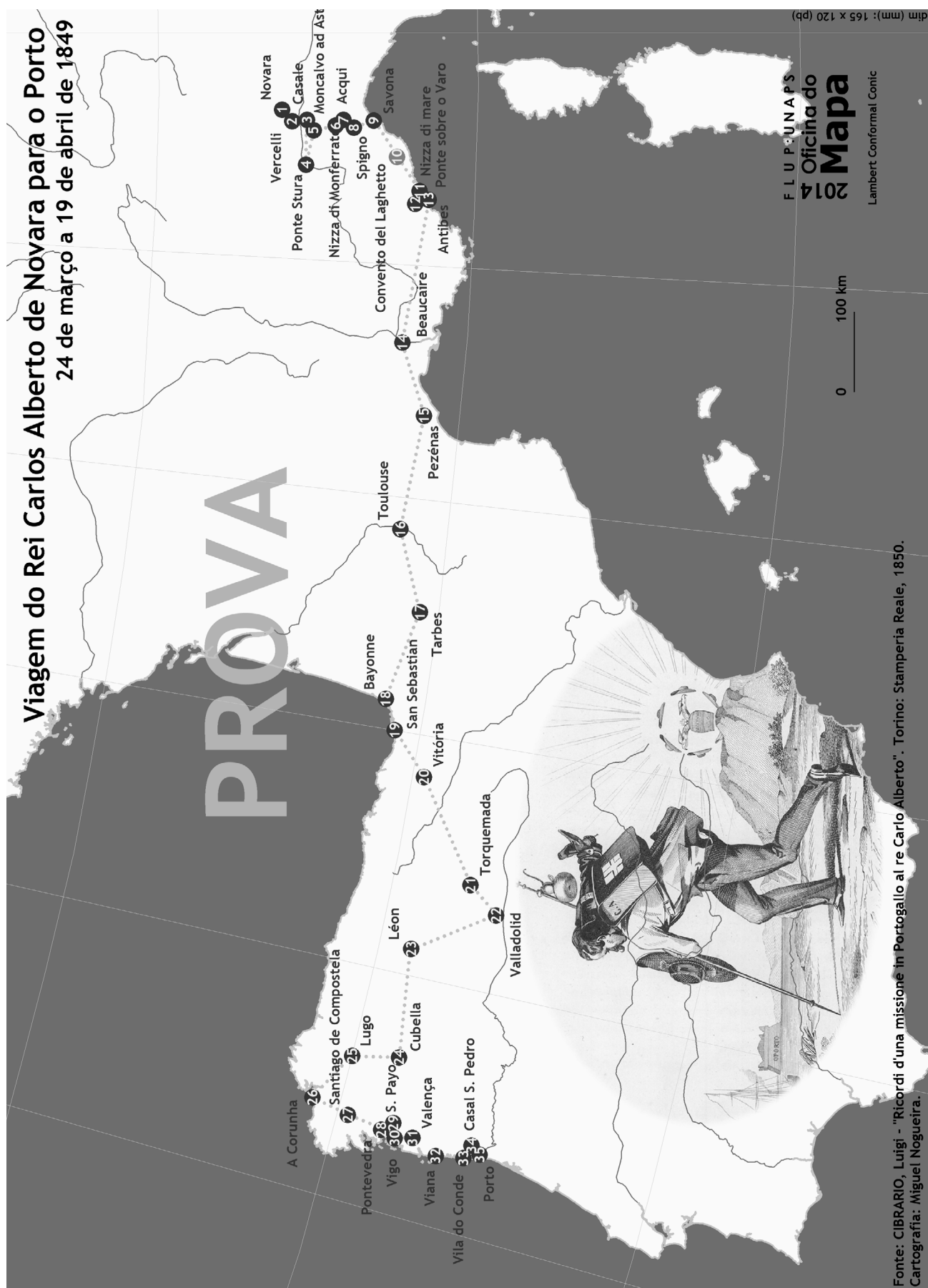


Fig. 1 – Viagem do Rei Carlos Alberto de Novara para o Porto. 24 de Março a 19 de Abril de 1849.

Apesar da existência de uma memória em mármore, num aposento do 1º andar do referido palacete, e que teria sido o quarto onde o monarca dormiu, este apenas aí permaneceu nove dias. Alojou-se, depois, numa pequena casa, pertença de um inglês, situada na então rua do Triunfo, a qual, antes de 1838, tivera o topónimo de rua dos Quartéis e é atualmente a rua D. Manuel II, ao lado do Palácio dos Carrancas, onde hoje está instalado o Museu Nacional Soares dos Reis. Nesta casa, composta por três pequenos compartimentos e um jardim diminuto, habitou duas semanas, indo, a 14 de maio de 1849, viver para o palacete de António Ferreira Pinto Basto. Este edifício data do século XVIII, sendo mais asseado que belo, segundo o Senador Luigi Cibrario, o qual, como veremos mais à frente, foi encarregado pelo Parlamento da Sardenha de trazer uma mensagem ao rei. Situava-se no fundo de um jardim que o referido autor qualifica de muito aprazível e com uma excelente vista sobre o rio e o mar. Atualmente, denomina-se quinta da Macieirinha e aí está instalado o Museu Romântico.

Enquanto viveu na hospedaria do Peixe e na rua do Triunfo, ou dos Quartéis, o ex-soberano saiu várias vezes, quer para visitar as principais autoridades da cidade, quer para assistir à missa ou simplesmente para passear. Sem quaisquer bens, o rei comprou dois talheres de prata e a mobília da casa que alugara ao súbdito inglês, bem como um serviço de mesa e de cozinha, dado este estar de regresso à Grã-Bretanha⁶. Esta penúria não vai ser de longa duração, pois, como demonstra Manuel Engrácia Antunes, Carlos Alberto vai receber de Turim uma série de objetos essenciais ao dia a dia e a um trem de vida digno de um monarca, mesmo exilado, desde objetos pessoais e de casa a pratarias. Além disto, parece ter adquirido no Porto muitos outros artigos, nomeadamente mobiliário⁷. Aliás, o ex-monarca tinha consigo os objetos religiosos que lhe eram mais queridos, tendo-os inclusivamente mostrado ao Padre António Peixoto Salgado, seu confessor, e que eram, segundo descrição de Pedro Vitorino: “*um primoroso quadro de Nossa Senhora, de ‘marfim e bello colorido encaixilhado em prata, de gosto gothico, de hum celebre Vacca (sic), auctor insigne em pintura’; o relicário de peito, ovalar, com S. Francisco de Assis, fina miniatura em marfim, onde se incluía um outro pequeno, ‘com quatro Bemaventurados de Sua Ill.ª Casa de Saboia’, obra de delicada pintura, tudo de prata com um cordão roxo de suspensão; um cofre de ébano ornamentado a prata, com fôrro de veludo roxo, onde se encerrava um ‘Precioso Crucifixo de Marfim em cruz de hebano, tendo em volta várias relíquias de santos, em pequenos medalhões de prata, tudo engastado na dita caixa’; o seu sinete real; um tinteiro de prata...*”⁸.

Por outro lado, o soberano não esteve sozinho, pois, logo que souberam da chegada do rei ao burgo portuense, acorreram ao seu encontro, de Lisboa, onde se encontravam, o antigo cônsul do Reino da Sardenha em Portugal, o cavaleiro Gerolamo Bobone, e o Dr. Roberto Moro, que exercia então as

⁶ Luigi Cibrario (1802-1870) foi um historiador e político italiano que se tornou Senador do Reino do Piemonte-Sardenha em 1848 e era muito próximo do rei Carlos Alberto. Cf. Luigi Cibrario, in *Treccani.it. L'Enciclopedia Italiana*. Disponível in <http://www.treccani.it/enciclopedia/tag/luigi-cibrario> (2014.11.12; 2h05m); CIBRARIO – *Op. cit.*, p. 254.

⁷ ANTUNES, Manuel Engrácia – Elementos para o estudo da estadia no Porto de Carlos Alberto, rei da Sardenha. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 2003, I série, vol. 2, pp. 545-573.

⁸ Pedro Vitorino, em nota de rodapé, desvenda a identidade do pintor denominado de Vacca, escrevendo que “*Perino del Vaga, ‘eccelestissimo pittori e molto ingegnoso’, morto em 1547 (Vasari)*”. Cf. VITORINO, Pedro – *Op. cit.*, pp. 6-7.

funções consulares. Além disto, diretamente de Turim chegou Edoardo de Launay, filho do presidente do Conselho de Ministros, e Encarregado de Negócios, junto da Corte de Lisboa⁹.

Poucos dias após a batalha de Novara, as duas câmaras do Parlamento da Sardenha decidiram enviar uma mensagem a Carlos Alberto, a qual, como referimos, lhe seria entregue por uma deputação de que faziam parte três elementos do Senado. No entanto, como um dos escolhidos, devido a problemas de carácter doméstico, não pudesse ausentar-se, apenas Giacinto di Collegno e Luigi Cibrario viajaram para o Porto, a fim de saudar o seu antigo soberano. A viagem destes dois senadores também não foi isenta de percalços e atrasos. De facto, de Turim dirigiram-se para Marselha, onde a 15 de abril embarcaram no vapor espanhol *Barcino* com destino a Barcelona; contudo, nesta cidade foram obrigados a ficar em observação três dias, mesmo sendo procedentes de um local onde não existia nenhuma epidemia de cólera. Este imprevisto fê-los perder o navio para o burgo portuense, pelo que, não querendo esperar dez dias pelo seguinte, decidiram continuar a jornada por terra, tendo chegado ao destino a 29 de maio. Juntamente com os dois emissários viajaram a esposa de Giacinto di Collegno e o sobrinho desta¹⁰.

A delegação lombarda chegou à cidade às 6h00m da tarde do dia 29 de maio e alojou-se na referida estalagem do Peixe, que albergara o rei Carlos Alberto umas semanas antes.

A propósito desta viagem, o Senador Luigi Cibrario publicou um livro de Memórias intitulado “*Ricordi d’una missione in Portogallo al Re Carlo Alberto*”, dado à estampa em Turim, em 1850, no qual tece várias observações sobre a história, a economia e a geografia de Portugal, bem como sobre o burgo portuense. O Senador, no relato que faz sobre o Porto, mostrava grande simpatia e muito interesse pela cidade, por esta ter sido escolhida pelo seu amado rei como local de residência¹¹.

Ao mesmo tempo, o Parlamento também encarregou sete deputados de integrarem a delegação que devia entregar a mensagem ao rei. Desses, três não puderam viajar, enquanto os outros quatro, passando por Bayonne, Madrid e Cádiz, desembarcaram em Lisboa, de onde, uns por terra e outros por mar, chegaram ao Porto. Desta delegação fazia parte o advogado Urbano Rattazzi, antigo ministro do reino da Sardenha, tendo, entre outras, ocupado a pasta da Justiça de dezembro de 1848 a fevereiro de 1849 e a do Interior até à derrota de Novara, altura em que se demitiu do governo.

Urbano Rattazzi foi também o segundo marido da escritora e aristocrata francesa Maria Letizia Rattazzi¹². Esta visitou pela primeira vez Portugal em 1876 e voltou em 1879, ou seja, cerca de 30 anos após a morte de Carlos Alberto. De acordo com esta autora, a casa onde o ex-soberano habitara ficava perto do Palácio de Cristal, concluído em 1865 e “*na época em que o desgraçado rei a habitava, a villa estava longe de apresentar o aspecto confortável que tem hoje*”. De qualquer modo, o monarca pagava uma soma muito pequena pelo seu aluguer. E, num acesso de tristeza, Maria Letizia Rattazzi afirma que “*a casa tem uma fisionomia triste que desperta a meditação e o recolhimento. Percebe-se perfeitamente que o rei moribundo a escolhesse instintivamente como um breve repouso antes de partir para a grande viagem de que não se volta*”. Além disto, acrescenta que “*a alcova real é pequena, o sol*

⁹ IDEM, *Ibidem*, p. 14.

¹⁰ A esposa do cavaleiro di Collegno chamava-se Margarita Trotti Bentivoglio e o sobrinho desta era o marquês Ludovico Trotti Bentivoglio. Cf. CIBRARIO, Luigi – *Op. cit.*, pp. 4-6.

¹¹ CIBRARIO, Luigi – *Op. cit.*, pp. 263, 265.

¹² IDEM, *Ibidem*; RATAZZI, Maria – *Portugal de Relance*. Lisboa: Edições Antígona, 1997, p. 7.

inunda-a até ao momento em que desaparece no horizonte. Uma placa de mármore, fixada na parede, indica a data e a hora da morte do grande vencido. Sic transit!...”. E, curiosamente, depois de descrever um cedro deformado por um raio que o atingira recentemente e de ter melancolicamente escrito que “os seus ramos despojados e mutilados deveriam pender sobre o mármore de um túmulo. Ele é o digno guarda dessa casa e merecia ter insculpido no tronco devastado o epitáfio do rei morto a dois passos”, conclui a descrição da casa dizendo que “*havia trinta anos que meu marido batera a essa mesma porta e viera receber as derradeiras confidências de Carlos Alberto*”¹³.

Na realidade, a resposta do rei à mensagem que lhe fora dirigida pelo Parlamento foi registada por Urbano Rattazi, que depois a leu ao soberano para ser aprovada por este antes de ser publicada. Por outro lado, para mostrar a humildade do ex-soberano menciona ter este recusado que lhe fosse erigido um monumento, por achar muito caro e ir onerar em demasia o erário público da Sardenha.

O já mencionado Luigi Cibrario também refere que o rei Carlos Alberto residia numa das quintas localizadas na parte sudoeste da cidade. Situava-se perto da Torre da Marca e junto de um bosque de castanheiros vizinho de um outro de camélias, lugar de onde se via todo o curso do rio até à foz e se avistavam os pinheirais dos planaltos arenosos da Beira. Descreve a casa com pormenor, relatando que esta tinha dois andares, cerca de vinte divisões não muito grandes, decentemente mobiladas, mas sem luxo.

Na quinta da Macieirinha, o ex-soberano levava uma vida regrada. Levantava-se às sete horas, jantava às cinco e uma ou duas horas depois, deitava-se. Passava os dias a ler jornais franceses, livros de guerra, de ciência, de história e de viagens, bem como livros de carácter devoto. Aliás, parece que se entretinha bastante a ler, recebendo com agrado livros de viagens e de história, enviados por intermédio do Dr. Francisco de Assis e Sousa Vaz. Dado o seu estado de saúde, as refeições eram-lhe penosas, por causa da etiqueta a que tinha de se submeter. Assim, tinha muito poucas visitas, com exceção dos já referidos Gerolamo Bobone e Roberto Moro, bem como alguns dignitários portugueses, entre os quais se contavam os governadores civil e militar do Porto, o bispo e, duas vezes por semana, o Padre António Peixoto Salgado, da Companhia do Oratório, seu capelão e confessor. Igualmente recebeu um oficial húngaro chamado Kiss, agente de Lajos Kossuth¹⁴.

Segundo Luigi Cibrario, Carlos Alberto nunca gozara de boa saúde, envelhecera prematuramente. As duas guerras em que se vira envolvido, a impossibilidade de conseguir realizar a unidade italiana, bem como a derrota de Novara, e a viagem para o Porto haviam-no debilitado ainda mais. De facto, de acordo com Pedro Vitorino, no artigo intitulado “*O Rei infortunado. Doença e Morte de Carlos Alberto*”, quando passou por Esposende, quem viu o ex-monarca achou que aparentava ter mais de 60 anos, embora fosse “*bastante alto, magro, trigueiro, rôsto macilento e insinuante, olhos vivos e penetrantes*”. No entanto, revelava-se “*muito ágil no andar e montar a cavalo*”. Assim, quando o Senador e o cavaleiro di Colegno se encontraram no burgo portuense, o ex-soberano sofria de tosse convulsiva, irregular,

¹³ RATAZZI, Maria – *Op. cit.*, pp. 9, 428-430.

¹⁴ Lajos Kossuth nasceu em 1802 e faleceu em 1894. Foi um político e patriota húngaro que chefiou a revolta de 1848-1849 contra a Áustria. Cf. MACARTNEY, Carlile Aylmer – Lajos Kossuth. In *Encyclopaedia Britannica*. Disponível in <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/322773/Lajos-Kossuth/3978/Exile> (2014.11.12; 2h); CIBRARIO, Luigi – *Op. cit.*, pp. 6-7, 260,264-265; VITORINO, Pedro – *Op. cit.*, p. 10.

e de uma infecção brônquica. Para o tratar, foi escolhido o Dr. Francisco de Assis e Souza Vaz, que se mostrou preocupado com o estado do doente. Como o rei não melhorasse e tivesse falta de apetite, foi chamado um outro médico, o Dr. Fortunato Martins da Cruz, para conjuntamente observarem o rei, tendo o primeiro diagnosticado bronquite e disenteria, que poderiam ter como consequências uma perfuração do intestino.

Ao saber-se, em Lisboa, do estado de saúde de Carlos Alberto, deslocaram-se, a visitá-lo, utilizando a via marítima, D. Manuel de Portugal, camarista da rainha D. Maria II, o barão Sarmento, ajudante de campo do rei, e o Dr. Kessler, médico de D. Fernando. Estes vinham, em nome da Corte Portuguesa, propor ao ex-soberano sardo, a possibilidade de residir em Lisboa naquele que Luigi Cibrario chama de *Palácio dos Bichos*, perto da capital, na realidade o atual *Palácio de Belém*, sede da Presidência da República, oferta que foi prontamente recusada. O estado do antigo monarca continuava a deteriorar-se, tendo o Dr. Kessler diagnosticado uma tuberculose em último grau.

Luigi Cibrario, ao mesmo tempo que vai descrevendo o declínio físico de Carlos Alberto, não deixa de mencionar o modo sereno e tranquilo como o rei vivia a sua doença, com resignação, sem se queixar, e que apenas admitia sofrer muito quando era questionado, acrescentando, contudo, ser necessário ter paciência. Além disto, passava os dias e as noites a rezar na sua capela privativa¹⁵. Os médicos diziam que se mantinha em pé por milagre e os que o rodeavam eram de opinião que o monarca devia ter em mente as palavras de um dos “césares” romanos, segundo o qual “*um imperador devia morrer de pé*”¹⁶. Além disto, prezava pouco a vida, pois parecia estar sempre pronto a comparecer perante o tribunal do “Juiz Eterno” e pensar na morte não o atormentava muito.

Esta agonia era seguida de perto pela população e pelas autoridades portuenses, nomeadamente os governadores civis e militares, que todos os dias iam saber notícias da saúde do rei.

O assunto de que mais falava nas conversas mantidas com Luigi Cibrario era, como não podia deixar de ser, a Itália, repetindo que a sua força e futuro residiam na monarquia de Saboia, e desejava que todos quantos tinham arruinado tão alta empresa e criavam obstáculos a Vítor Emanuel compreendessem o seu erro. E, quando o Senador disse não entender a razão pela qual, depois do ato magnânimo da abdicação, que tinha apagado qualquer erro cometido na juventude, impedindo, deste modo, que o culpassem traiçoeiramente pela derrota do exército, o ex-soberano afirmara “*ha ragione, ha ragione. Non rammenta come sono stato trattato, non dal popolo, ma da quella setta a Milano?*”, o rei, contudo, sabia quais as condições em que se encontrava a Itália e temia pelo futuro da construção de uma pátria comum.

Carlos Alberto mostrava afeto pelos portugueses, apreciava a hospitalidade que lhe era concedida, bem como o seu valor, e estava bem informado acerca do estado das finanças e do governo de Portugal. Ao mesmo tempo, desejava que os ânimos se tranquilizassem, de modo às novas instituições adqui-

¹⁵ CIBRARIO, Luigi – *Op. cit.*, pp. 271-275; VITORINO, Pedro – *Op. cit.*, p. 6.

¹⁶ Na realidade, Luigi Cibrario escreve o seguinte: “*I medici dicevano ch’ei si reggeva in piedi per prodigio: e molte volte giudicammo ch’ei rammentasse le parole d’uno dei Cesari romani: oportet imperatorem santem mori.*” Esta citação foi retirada da *Vida dos Doze Césares de Suetónio*, de uma passagem em que o imperador Vespasiano, antes de falecer de uma inflamação intestinal, teria dito que um imperador devia morrer de pé: “*imperatorem ait stantem mori oportere.*” CIBRARIO, Luigi – *Op. cit.*, p. 275; Jaime B. – *Latin Discussion*. In <http://latindiscussion.com/forum/latin/imperatorem-s-stantem-mori-oportet.11848/> (2014.11.12; 2 h).

rirem estabilidade e pouco a pouco melhorarem as condições morais e materiais do país. Aliás, em conversas com os seus médicos falava dos costumes portugueses e da “índole pacífica do povo”. Por vezes, como homem de cultura que era, mandava Luigi Cibrario à Real Biblioteca Pública da cidade, hoje Biblioteca Pública Municipal do Porto, a fim de lhe referenciar os livros e os manuscritos mais “curiosos” que continha, especialmente se fossem códices ornamentados com miniaturas, de que era grande apreciador.

O seu amor pela cultura manifesta-se numa carta enviada a 16 de maio de 1848 ao conde de Castagnetto, na qual reafirmava a intenção de doar ao Estado Sardo a pinacoteca, a biblioteca, as medalhas e o arsenal.

Longe da pátria, o monarca preocupava-se com o bem-estar da sua família, tendo ficado extremamente preocupado quando soube, da entrada no Douro, do navio sardo *Monzambano*, pois, devido a notícias veiculadas por jornais franceses sobre a saúde do seu filho, o rei Vítor-Emanuel, temia que a embarcação trouxesse más novas. Na realidade, a bordo viajava um parente de Carlos Alberto, o Príncipe de Carignano, Eugenio Emanuele di Savoia-Villafranca, “que veio trazer ao rei ‘algumas consolações de família’”, mas que se demorou pouco tempo na cidade. Este, de facto, fez uma visita ao ex-soberano, de noite, e quando este já se encontrava deitado.

O Príncipe vinha acompanhado pelo médico Professor Riberi, o qual trouxe ao ex-monarca, de acordo com Luigi Cibrario, um conforto físico e um consolo moral. Ao mesmo tempo chegaram ao Porto o camareiro Bertolino e o cavaleiro Giovanni Michele Canna, o qual tinha acompanhado Carlos Alberto nas duas campanhas militares em que este tinha participado.

Deste modo, ao verificar que nada faltava ao soberano e este tencionar continuar a viver como uma pessoa comum, e tendo tido notícia da próxima abertura do Parlamento Sardo, Luigi Cibrario resolveu regressar a Itália. Assim, apanhou o vapor *Vesúvio* para Lisboa, onde aproveitou para agradecer a D. Maria II uma mercê que esta lhe havia concedido e as atenções tidas para com Carlos Alberto. A rainha disse, ainda, que se o soberano tivesse escolhido residir em Lisboa, teria um tratamento mais digno da sua condição do que no Porto e, ao mesmo tempo, aproveitou a oportunidade para saber notícias da Itália e do estado das relações entre a Sardenha e a Áustria.

Em Lisboa, o senador e os seus companheiros embarcaram num navio inglês, fizeram escala, primeiro, em Gibraltar, onde estiveram de quarentena, depois em Algeciras, e aportaram a Cádiz, onde, por acaso, se encontraram com o *Monzambano*, que levava a bordo o Príncipe de Carignano. Enquanto os restantes viajantes ficavam a repousar à espera de transporte, Luigi Cibrario pediu autorização ao Príncipe para seguir viagem com ele para Génova, onde afirma ter chegado às três horas e trinta minutos da tarde de sábado, 28 de julho de 1849, a hora e o dia exatos da morte de Carlos Alberto¹⁷. Na realidade, devido à doença que o minava desde há muito, e depois de alguns dias de lenta agonia, o rei, com 50 anos de idade, mas prematuramente envelhecido, acabou por falecer de “*uma desenteria chronica com bronquitis lenta, a qual terminou por uma apoplexia*”. A sua morte, de acordo com testemunhas oculares, foi calma e serena, como calma e serena estaria a sua consciência. De facto, uma testemunha ocular, o encarregado de negócios da Sardenha, Edoardo de Launay, afirma que o soberano morreu com a serenidade, bem como com a resignação de um herói e

¹⁷ CIBRARIO, Luigi – *Op. cit.*, pp. 275-287; VITORINO, Pedro – *Op. cit.*, pp. 11-12.

com as esperanças de um cristão, no meio do choro e da consternação dos presentes, no momento do passamento. A propósito, Luigi Cibrario não pode deixar de escrever: “*Così il Grande Italiano spirò*”¹⁸.

O cadáver do ex-soberano foi velado na casa e na cama onde faleceu, tendo aí ocorrido as autoridades eclesiásticas, civis e militares portuenses, bem como os cônsules estrangeiros. Enquanto o bispo e demais clérigos rezavam pela alma do defunto, os sinos da cidade tocavam e os espetáculos foram cancelados. Além disto, de quarto em quarto de hora, um tiro de canhão lembrava aos habitantes, de acordo com Cibrario, a perda não apenas de um grande príncipe, mas também de um hóspede ilustre.

A propósito destas manifestações de pesar, o Senador, numa alusão às lutas liberais, lembra que o Porto foi a primeira cidade que desfraldou nas margens do rio Douro o estandarte da liberdade. Assim, não admira que o povo tivesse compreendido Carlos Alberto, tendo-o honrado em vida e chorado depois de morto. De facto, após ter sido embalsamado a 31 de julho de 1849, por uma equipa de lentes da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, chefiada pelo Professor de Anatomia o Doutor Manuel Maria da Costa Leite, foi vestido e colocado em câmara ardente, tendo a população sido admitida a prestar as últimas homenagens ao defunto. Esta mostrou muita emoção, pois, de acordo com Luigi Cibrario, “*l'aria compassionevole e mesta di tutti i visitante, le copiose lagrime di molte fra esse, ben dimostravano quali simpatie CARLO ALBERTO avesse destato in que'teneri cuori*”. Enquanto isto, e de acordo com os costumes da época, o abade de Massarelos, juntamente com os párocos “*da Sé, da Vitória e de S. Nicolau, com a assistência de António Ferreira Pinto de Basto Júnior*”, distribuíam esmolas aos pobres, sendo umas dadas à porta da quinta, enquanto outras eram levadas às casas dos mais envergonhados. De acordo com Pedro Vitorino, teriam sido entregues, à entrada da propriedade, onde jazia o corpo do rei exilado, óbolos no valor de 360 mil réis, “*em moedas de prata de nove e de seis vinténs*”.

No fim do dia 1 de agosto, depois de se completar o embalsamento do corpo, este foi trasladado com grande pompa e circunstância, através das ruas da cidade, para a capela de S. Vicente da Sé do Porto, onde esteve depositado até ao dia 19 de setembro. Nesse dia, depois de uma cerimónia religiosa na presença de vários dignitários portugueses e italianos, entre os quais se encontrava o Príncipe de Carignano, o féretro, escoltado por tropas lusas e acompanhado por muito povo miúdo, autoridades e oficiais da marinha sarda, atravessou as ruas de Vila Chã, do Loureiro, o largo das Freiras Bentas, bem como as ruas das Flores, de S. Domingos e de S. João, chegando à praça da Ribeira, onde embarcou no vapor *Mozambano*. E, mais uma vez, cedamos a palavra a Luigi Cibrario, o qual descreve e interpreta, deste modo, o sentimento do povo portuense, bem como as últimas homenagens para com o régio defunto:

“I balconi e le finestre delle vie, per cui passava la funebre pompa, erano coperti di drappi neri di seta e di lana. Nè vi si vedea signora che non fosse vestita a lutto. E a tali dimostrazioni era conforme la mestizia che si leggeva negli occhi e nella fronte di tutti. O popolo pietoso e cortese, che comprendi i grandi pensieri, e t'intenerisci sugli infortunii Italiani, Dio ti renda merito degli omaggi che recasti alle virtù di CARLO ALBERTO; Dio ti conceda di goder a lungo vera libertà e vera pace!...”

¹⁸ “*Une demi-heure plus tard (à trois heures et demie) Sa Majesté le Roi CHARLES ALBERT a rendu le dernier soupir, à l'âge de cinquante ans, neuf mois, vingt-sept jours, avec le calme et la résignation d'un héros, et avec les saintes espérances d'un chrétien, au milieu des pleurs et de la consternation des personnes présentes*”. CIBRARIO, Luigi – *Op. cit.*, pp. 265, 285-286; 354; VITORINO, Pedro – *Op. cit.*, pp. 6, 16.

Mentre il convoglio lentamente avanzava, una batteria di terra diè saluto di 21 colpi di cannone. Il Monzambano, il Goito, il vapor da guerra portoghese D. Luis traevano ugualmente. Tutte le navi ancorate nel Douro aveano le verghe incrociate, le bandiere a mezz'asta, i marinari sulle verghe col capo scoperto”.

Após as últimas orações, com a urna já a bordo, e depois do segundo regimento de infantaria ter anunciado o fim das cerimónias fúnebres, com três disparos, o navio *Mozambano* rumou a Cádiz, levando o corpo do rei de regresso à pátria¹⁹.

Vítor Emanuel II, filho do defunto, como forma de agradecimento por tudo quanto Portugal havia feito pelo seu pai, enviou uma condecoração ao rei D. Fernando e agradeceu a D. Maria II. Por seu lado, muitas outras autoridades civis, militares e religiosas, bem como os médicos que assistiram ao rei, também foram condecorados. Além disto, o rei da Sardenha não se esqueceu do povo do Porto, tendo encarregado o Príncipe de Carignano de entregar ao presidente da Câmara, António Vieira de Magalhães, barão de Alpendurada, uma carta em francês, na qual o monarca exprimia à cidade todo o seu reconhecimento pelo acolhimento dado ao pai, no pouco tempo em que viveu no burgo portuense²⁰.

¹⁹ CIBRARIO, Luigi – *Op. cit.*, pp. 296-297, 304, 353-355; VITORINO, Pedro – *Op. cit.*, p. 21; SANTOS, Cândido dos – *História da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 2011, p. 88.

²⁰ “Porto le 17 septembre 1849

Monsieur le Président,

Les habitants de cette ville ont donné au monde de nobles exemples de valeur, de dévouement et d'héroïsme, de ces mêmes vertus dont feu le ROI CHARLES ALBERT a été la personification durant un règne fécond en événements glorieux.

Fidèles à eux-mêmes, ils devaient être des justes appréciateurs du véritable mérite.

Aussi faisant une respectueuse violence à l'incognito du Comte de Barge, ils se joignirent spontanément aux autorités pour le recevoir dans leurs murs avec tous les hommes royaux, avec les démonstrations de la plus vraie sympathie. Dans cette retraite volontaire pendant sa maladie, on continua à l'entourer de nombreuses preuves du respect et de l'affection inspirés par ses qualités éminentes, par son caractère élevé; vingt-quatre heures avant son décès, S.M. disait encore combien Elle était touché des marques d'attention et d'intérêt de ce peuple si hospitalier.

La douloureuse nouvelle de sa mort a répandu une consternation générale, et l'attitude de toutes les classes lors des cérémonies funèbres du 31 juillet et du 1^{er} août comme aujourd'hui, est un indice certain de la sincérité de leurs regrets.

De son côté la Chambre municipale, qui représente dignement cette ville, a mis le comble à ses procédés de courtoisie par une lettre de condoléance adressée au Roi, mon auguste souverain, dont le cœur filial a été si cruellement éprouvée en suite de cette perte irréparable.

S.M. le ROI VICTOR-EMMANUEL m'a chargé d'exprimer publiquement sa reconnaissance la plus vraie et la plus sentie pour tant de témoignages de haut intérêt pour son bien aimé Père.

Veillez, monsieur le Président, être l'interprète de ce sentiment auprès de la population d'Oporto.

Voulant en outre donner à la chambre municipale une marque de son estime et de sa bienveillance dans la personne de son Président, S. M. a daigné, monsieur le Baron, vous nommer commandeur de son ordre religieux et militaire des Saints Maurice et Lazare, dont les enseignes sont ci-jointes.

Des mots ne peuvent rendre tout ce que j'ai éprouvé en présence de l'immense concours de peuple qui se pressait aujourd'hui autour du cercueil de l'illustre défunt pour lui apporter le tribut de ses regrets, la promesse de la fidélité du souvenir. En disant un suprême adieu à la précieuse dépouille mortelle de S.M. le ROI CHARLES ALBERT, la ville d'Oporto aura trouvé quelque consolation dans la douce pensée qu'il lui reste l'amour et la reconnaissance éternelle de la maison royale de Savoie, et de toute une nation qui vénérera à jamais la mémoire de ce Roi magnanime.

Je vous offre, monsieur le Président, l'assurance de ma haute considération. EUGÈNE DE SAVOIE”. Cf. CIBRARIO, Luigi – *Op. cit.*, pp. 298-299.

Os restos mortais de Carlos Alberto chegaram a Génova a 4 de outubro, sendo sepultado na *Basílica de Superga*, em Turim, a 14 de outubro de 1849²¹.

Desta forma, a figura do rei Carlos Alberto do Piemonte-Sardenha e pai do primeiro monarca da Itália unificada, Vítor Emanuel I, uma velha pretensão dos italianos, entre os quais, entre outros, se conta o próprio Nicolau Maquiavel, ficou indelevelmente marcada na memória e no imaginário da cidade do Porto.

Na realidade, o soberano tinha tudo para agradar aos portuenses seus contemporâneos, sempre dispostos a lutar pela liberdade. Durante a doença que o afligiu, nos últimos dias era vulgar muitos populares perguntarem pelo estado de saúde do “Senhor Carlos Alberto”, além de que, quando alguma das pessoas que acompanhavam esta figura entrava numa loja, o dono, antes de mais, informava-se da saúde do ex-rei²². Aliás, a passagem da carruagem com o bispo D. Jerónimo, e com o padre António Peixoto Salgado, em direção à casa de Entre Quintas, no dia 23 de julho, alertou a população para um possível agravamento do estado do monarca, levando a que fossem “*feitas preces públicas, e particulares nos conventos das religiosas portuenses*”²³.

O Porto, como dissemos atrás, foi o berço das mais importantes revoluções oitocentistas, a começar pela de 1820. Não será, portanto, por acaso que o governador civil e o governador militar, acompanhados pela totalidade da guarnição militar, por um grupo de portuenses a cavalo e por uma grande multidão, foram ao encontro do monarca, no dia da chegada, a fim de lhe agradecer ter escolhido a sua cidade como lugar de residência e oferecer-lhe para o transportar uma carruagem puxada por seis cavalos ricamente ornados. Humildemente, tal como seria próprio de um espírito heroico e abnegado, o ex-soberano recusou as honras e o transporte, entrando no burgo a cavalo, para se ir hospedar numa estalagem pública, depois de também não ter aceitado as ofertas para se alojar, quer no paço episcopal, quer na casa do barão Joseph James Forrester²⁴.

A onda de simpatia popular que criou em torno de si ficou a dever-se ao facto de durante a vida ter lutado pela liberdade do seu país. Por outro lado, a morte precoce, depois de uma longa agonia, fizeram dele, quanto a nós, o “herói romântico” por excelência. É, de facto, o típico lutador da liberdade, o injustiçado, que tem de deixar a pátria para se acolher a uma terra distante e desconhecida, onde chega depois de uma difícil e cansativa viagem de mais de 2.000 km. Aí, depois de ter conquistado o coração do povo, ao deixar a vida terrena, dá início à imortalidade, pois ficará para sempre ligado à memória e à lenda. Exemplo disto é o que escreve Pedro Vitorino, quase um século depois, em 1943: “*Herói e mártir, morria como um santo*”²⁵.

²¹ IDEM; *Ibidem*, pp. 296-297, 304, 353-355; SANTOS, Cândido dos – *Op. cit.*, p. 88.

²² CIBRARIO, Luigi – *Op. cit.*, pp. 275-276.

²³ VITORINO, Pedro – *Op. cit.*, p. 13.

²⁴ CIBRARIO, Luigi – *Op. cit.*, p. 253.

²⁵ VITORINO, Pedro – *Op. cit.*, p. 14.